

A CAIPORA¹

Sérgio Cardoso



[49]² Um luar que fazia inveja a um dia claro.

O rio murmurando quase imperceptivelmente, deslizava suave pelo seu leito arenoso e coberto em uma e outra margem pelas árvores frondosas que o ensombravam e tomava uns tons de poesia melancólica.

Perto, à beira da estrada, sob a copa hospitaleira de um jequitibá frondoso, descansavam dos ardores do sol e do cansaço da viagem seis a oito tropeiros.

Os animais pastavam a pequena distância, peados, acompanhando sempre o tilintar da campainha do *madrinha*, um velho cavalo russo-pedrês, que já não tinha dentes para tasquinhar a erva.

O caldeirão da feijoada crepitava ao fogo, pendurado em uma trempe, formada de arrochos.

Um dos tropeiros alimentava de quando em vez o fogo, enquanto que os outros, deitados nos couros que serviam de cobertura às cargas, ouviam a narração de um companheiro que assim falava:

¹ CARDOSO, Sérgio. A caipora. *Fon-Fon*, Rio de Janeiro, ano XI, n. 52, p. 49, 29 dez. 1917.

² Os números entre colchetes correspondem aos números das páginas da referência.

— Não creiam em mim, creiam em Deus, mas lhes assevero que vi a caipora.

Uma gargalhada estrondosa ecoou entre os ouvintes.

Um deles correu os dedos nas cordas da viola, de que se achava munido e soltou as primeiras notas de uma canção, depois de exclamar:

— Que conversa!

— Espera, João — disse outro — deixa o Manuel Redondo nos contar o caso da *caipora*.

O narrador continuou:

— Olhe, *seu Zé*, eu falo pra *vancê* que é um homem sério. — Disse dirigindo-se a um sertanejo, de rosto tismado e já um pouco velho, que parecia o chefe dos tropeiros.

— Pensam que é história, ou *busão* minha; não senhor, estou falando como se estivesse diante de Deus.

“Saí uma tarde da fazenda do Mocambo para levar uma carta de *seu* capitão Andrade a *seu* Chico Beltrão.

“Quando cheguei ao bamburral da volta escureceu.

“Eu bem sabia que a mata ali adiante estava escura como breu, mas não tinha remédio senão seguir.

“Benzi-me, rezei a oração de São Bento e meti o pé no caminho.

“Quando cheguei bem no meio da mata, senti os cabelos crescer-me na cabeça a ponto que foi preciso eu segurar o chapéu para não cair.

“Pensei que estava passando pela cova de alguém; mas qual!... comecei logo a ouvir uns assovios em minha frente.

“Parei e fiz reparo. Foi então que vi a *caipora* diante de mim.

“É um *caboclinho* que só tem uma banda do corpo.

“O danado trazia uma *urupema* na cabeça e um cachimbo de barro na boca e vinha pulando num pé só.”

— Aí, tu deste na canela, hein, João? — Disse da viola e que já o havia interrompido.

— Oh! Homem de Deus, não calarás esta boca! — E voltando-se para o narrador, o sertanejo disse: — Vamos João.

O rapaz continuou:

— Pois é, como lhe digo, *seu Zé*, o caboclo, pulando sempre, chegou junto de mim e pediu-me fumo. Eu, que tinha conhecido logo, que ele era uma *caipora*, abri a capauga e tirei todo o fumo que tinha para a viagem e entreguei-lhe.

— E fizeste bem. — Disse o chefe dos tropeiros. — Porque do contrário, ela te mataria de cócegas.

— Foi o que me valeu, *seu Zé*; foi eu ter levado fumo; senão se escapasse das cócegas, nunca mais saía da mata, porque não tem sido um nem um dois que a *caipora* tem feito perder-se.

— Lá isso é verdade — obtemperou um outro — entrando-se no mato sem levar fumo é o melhor meio da gente *ariar* e nunca mais acertar com o caminho.

— Agora, cá pra mim, o que valeu o João, não foi o fumo, nem foi nada, foi a oração de S. Bento que ele rezou. — Disse um velho tropeiro que ostentava no peito nu e cabeludo um grosso rosário.



Em seguida à narração, o da viola começou a cantar, acompanhando-se pelo queixoso instrumento, enquanto que um outro atiçava o fogo, que cozia a feijoada e, os restantes, deitados nos couros, ouviam a cantiga e contemplavam o luar que fazia inveja a um dia claro.



FICHA TÉCNICA

Coordenação geral: Júlio França e Oscar Nestarez

Coordenação de pesquisa: Daniel Augusto P. Silva

Revisão textual: Amanda Marinho e Arthur Dias Fontes

Preparação: André Azevedo de Alvarenga, Larissa Adur, Rosane Velloso e Sora Maia Souza

Design gráfico e redes: Renata Luz e Ana Giulia Mussury

Tênebra

Biblioteca digital de
narrativas obscuras
brasileiras

